

A LITERATURA LATINA NA SALA DE AULA: REFLETINDO SOBRE UM TEMA TABU A PARTIR DE POEMAS CATULIANOS SOBRE A HOMOAFETIVIDADE

BARRETO, Johne Paulino
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE)
CALDAS, Viviane Moraes de
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE)

INTRODUÇÃO

Estudar a homoafetividade, na Roma Antiga, implica entender a condição social dos romanos e a noção que eles tinham de masculinidade naquela época. A sociedade era totalmente dominada pelos homens (*pater familias*) que possuíam escravos para a realização de diversas atividades. Na cultura romana, essa relação diz respeito a uma questão de poder que era exercido, no ato sexual, pelo *pater familias* (dominador), como forma de expressar o seu poder diante do seu escravo (dominado).

A relação homoafetiva também se fazia presente na literatura latina e alguns autores, como Catulo, Tibulo, Ovídio, Virgílio, por exemplo, apresentaram, em alguns de seus textos, o envolvimento amoroso e afetuoso entre pessoas do mesmo sexo. Temos, por exemplo, nos textos de Catulo, poeta conhecido como arrebatador de amores, o envolvimento amoroso e afetivo entre dois homens, numa relação harmoniosa, estável e pautada somente no carinho e no afeto entre eles.

É importante que nossos alunos saibam que a relação homoafetiva existiu desde a Antiguidade e que essa relação foi registrada por grandes escritores clássicos. Dessa forma, a partir da literatura latina, nossos alunos podem ter uma visão geral de como a homoafetividade realizava-se naquele dado momento da história antiga e, com isso, fazer relação desse contexto com a realidade atual.

Sendo assim, tomando como base o próprio texto literário, o leitor (aluno) será o agente para a recepção das informações desse texto. O leitor, nesse sentido, será aquele que despertará para as modificações da sociedade, poderá refletir sobre um tema tabu. Para isso, é necessário se utilizar de uma metodologia de ensino da literatura que privilegie o leitor. Isso envolve um trabalho sério e eficiente, a fim de buscar um leitor consciente dessas transformações, capaz de discutir e refletir sobre o tema polêmico encontrado no texto literário.

1. A LITERATURA NA SALA DE AULA: O GÊNERO LÍRICO E ALGUNS POEMAS HOMOAFETIVOS DE CATULO

Esta pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada na cidade de Campina Grande, PB. Nossa intervenção ocorreu em uma turma de Língua Portuguesa, no 1º ano do ensino médio, durante sete encontros, com carga horária de 3h15min horas-aula. A turma era composta por vinte alunos que frequentavam a escola no turno da tarde. As aulas foram ministradas após permissão da direção da escola e, também, da professora da turma.

Partindo da ideia de que o aluno é a peça primordial para constituir sentido de leitura e interpretação, como afirma Jauss (1979), começamos a aula perguntando à turma o que eles entendiam sobre o que é a literatura, se tiveram contato com ela em algum momento de suas vidas, se leram algum texto literário no ensino fundamental. Nossa intenção com isso era resgatar algum conhecimento prévio deles no que diz respeito ao estudo do texto literário e situá-los na experiência estética desse texto.

Inicialmente, houve uma resistência, por parte dos alunos, em conceituar essa área do saber, porém sempre mediávamos as discussões para que eles mesmos chegassem a uma conclusão. Para isso, tivemos que despertar nesses alunos alguns conhecimentos que poderiam estar esquecidos, fazendo um flashback sobre o que eles leram e o que geralmente esses textos retratavam. Eles citaram diversos gêneros: fábulas, contos, crônicas, romances, dentre outros.

Depois disso, refizemos a pergunta sobre o que eles entendiam a respeito da literatura. A aluna L¹ disse-nos que a literatura é uma forma de expressar-se. Colocamos o que ela disse no quadro, para que a expectativa almejada fosse cada vez mais se aproximando do que estávamos pretendendo, que era fazê-los entender que a literatura modifica o homem, bem como o faz refletir sobre as mudanças e comportamentos da humanidade.

Utilizando o próprio livro adotado pela escola, de Cereja e Magalhães (2010), trabalhamos o capítulo que aborda o conceito da literatura. Quando a aluna L falou-nos do que ela achava sobre literatura, fizemos uma comparação do que ela disse com o que estava no próprio livro didático que todos utilizavam para estudar.

¹A fim de preservar a identidade dos alunos, citaremos apenas a inicial do sobrenome deles.

No livro, a literatura era conceituada como a arte da palavra e que ela já havia passado por diferentes formas de expressão, de acordo com o momento histórico e com a situação de produção. Neste momento, o livro cita o exemplo de que essa arte, na Grécia Antiga e na Idade Média, era transmitida oralmente. Os autores ainda afirmam que a palavra serve para comunicar e interagir, assim como a literatura, que produz emoções e efeitos estéticos.

A partir dessa discussão, os alunos afirmaram que a literatura trabalha com o texto. Segundo eles, a literatura se apropria da História para retratar a sociedade, promovendo a reflexão. Falamos a eles que o texto literário é ficcional, portanto, não tem nenhuma preocupação em retratar fatos da realidade, como faz a História. Falamos também que a literatura toma como temas aquilo que acontece em uma sociedade. Nesse momento, apresentamos aos alunos duas definições, que também estão no livro deles, para deixar mais claro o conceito dessa arte.

Dessa maneira, influenciados pela ideia de que, durante a realização da leitura de um texto, o sujeito produtor e o consumidor interagem mutuamente, pedimos para que, voluntariamente, um aluno, em voz alta, lesse a primeira definição e nos falasse o que havia compreendido. A definição era de Zilberman (2004) que afirma que a “literatura pré-forma a compreensão do leitor, repercutindo em seu comportamento social” (ZILBERMAN, 2004 APUD CEREJA, 2010). Nesse momento, o aluno S, já relacionando com o que vimos anteriormente, afirmou que a literatura transforma a sociedade e seu comportamento, fazendo-nos refletir sobre essas transformações. Acreditamos que tal resposta foi dada por causa da discussão que tivemos com eles anteriormente sobre o conceito de literatura. O aluno refletiu e aprendeu que a literatura retrata a sociedade, bem como analisa o comportamento da sociedade e suas transformações.

O segundo conceito, de Vieira (1978), diz que a literatura trabalha com a ficção e com prazer, mas faz com que o homem reflita sobre a vida. Solicitamos a outro aluno que lesse tal conceito e tentasse comentar sobre o que se tratava. A aluna R afirmou que isso se tratava do papel dessa arte, que era a de fazer o leitor se encontrar no texto. Através dessa resposta, percebemos que a aluna compreendeu o valor estético do texto literário e compreendemos que ela entendeu que a literatura reflete o mundo do leitor.

Depois de discutirmos acerca desses conceitos apresentados pelo livro didático, resgatamos tudo o que eles falaram, e apresentamos a eles mais uma visão sobre a literatura, ou seja, mostramos, através das discussões, que a literatura é a “representação

da realidade social e humana” (CANDIDO, 2002, p.26). Mostramos a eles que a literatura faz com que o homem possa não só se deleitar com a obra literária, mas também refletir sobre as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo.

No segundo encontro, com duração de 90 minutos, fizemos uma mesa-redonda, para que o debate fluísse melhor. Começamos a aula perguntando se eles pesquisaram sobre temas considerados tabus (atividade solicitada no encontro anterior). Somente um aluno preocupou-se em pesquisar. Segundo ele, são temas que são considerados polêmicos para a sociedade, como homoafetividade, clonagem e intolerância religiosa, por exemplo.

Dessa forma, aproveitando essa ideia do tema tabu, entregamos os poemas de Catulo para serem lidos por eles. Inicialmente, pedimos para que o aluno N lesse o primeiro poema de número 48 e, após isso, releamos mais uma vez. A releitura é importante no processo de leitura e significação do texto porque permite ao leitor uma volta ao texto para vivenciá-lo de novo e lhe permite também observar algo que porventura tenha passado despercebido. No que se refere à releitura, Nóbrega (2012) afirma que essa prática de (re)leitura do poema e comparação entre texto é um caso de *poiesis* de que Jauss (1979) tanto fala. Conforme autora, no contexto educacional, a *poiesis* trata de uma experiência vivenciada pelo aluno a partir do texto literário.

Sabendo que o leitor é a peça fundamental na construção de sentido de um texto literário e que, no ato interativo entre texto e leitor, essa construção fica viva e passa a transmitir toda uma lógica de sentido que o leitor quer aceitar, após as duas leituras, perguntamos a todos os alunos se eles gostaram ou não do poema 48² e por quê. Timidamente, alguns responderam que sim, pois, segundo eles, foi fácil de entender.

Conforme Zappone (2005), o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê. Pensando nisso, buscávamos trazê-los para dentro do texto, questionando sobre a presença do eu-lírico no poema, sobre o(s) tema(s) presente(s), etc. O aluno N, nesse momento, respondeu que essa voz está apaixonada. Então, questionamos esse aluno fazendo as seguintes perguntas: Por quem? E por que? Nossa intenção era instigá-los, para que eles ficassem atentos às palavras do texto.

O aluno O nos diz que a voz do poema está apaixonada por Juvêncio. Mediante a isso, nós lhes perguntamos se a voz é masculina ou feminina e o que significa o mel no seguinte verso “Beijar teus olhos – Juvêncio – de mel”. Segundo S, de acordo com o

² Cf anexo.

adjetivo *satisfeito*, a voz do poema é masculina e o mel representava todo o encanto que essa voz tinha para com Juvêncio. Esse aluno estava atento à leitura e percebeu, na flexão de gênero, que o eu-lírico era do sexo masculino. Nesse diálogo com o texto, tanto a *poiesis*, quanto a *aisthesis* foram trabalhadas, no momento em que os alunos passaram a expressar-se. Nóbrega (2012) afirma que esta última corresponde à criação de um ambiente de discussão em que os alunos possam expressar seus pontos de vista, havendo, assim, uma atitude dialogal, democrática e respeitosa entre alunos e professores. Vemos isso como fundamental em uma aula de literatura, pois os alunos podem expressar a sua opinião sobre a obra literária, discutir sobre o texto e assim tornarem-se leitores crítico-reflexivos,

Nos apoiando no que Jauss (1994) afirma sobre o fato de que o texto literário deixa pistas para que o leitor o receba de maneira mais definida, sempre norteamos a análise interpretativa do poema a partir dos próprios elementos linguísticos presentes nele e, assim, os alunos chegaram à conclusão de que a voz é masculina e a temática do poema é a relação homoafetiva.

Para confirmar “o horizonte de expectativa” (JAUSS,1994, pp. 25-26) deles, a partir do momento que eles entraram no jogo de interpretação e compreensão dos poemas, buscamos uma confirmação se os poemas tratam ou não de uma relação homoafetiva entre Juvêncio e o eu-lírico masculino. Neste momento, percebemos que uns alunos ficaram ansiosos para saber se havia ou não essa relação, outros tinham a certeza de que havia sim essa relação, já outros expressavam certa vergonha de expor a sua opinião perante o texto. Após isso, partimos para a leitura e análise do outro poema de número de número 81³.

Assim como no primeiro poema, fizemos a análise desse segundo partindo sempre dos elementos textuais, como a seleção do vocabulário, a voz do poema expressa no texto, os adjetivos presentes. Sempre tendo o texto como elemento que faz com que o leitor posicione-se e modifique seu comportamento a partir do que lê, o que Jauss (1979) chama de *katharsis*, os alunos comprovavam nos poemas que a temática tratava-se da relação homoafetiva.

As discussões fluíram muito bem, sem receios, sem preconceitos e os alunos, principalmente os rapazes, sendo a favor do trabalho dessa temática na sala de aula. Afirmamos isso por causa da forma como esses rapazes defendiam seu ponto de vista,

³ Cf anexos.

deixando claro que não tinham preconceitos e que a homoafetividade já não era mais um problema para a sociedade, segundo eles.

Assim, no poema de número 81, discutimos a ideia do ciúme do eu-lírico masculino para com Juvêncio. Os alunos perceberam que esse ciúme era por causa de um hóspede, formoso, que vinha das terras de Pisauro, ou seja, o que eles fizeram foi interagir com o texto, construindo sentidos e atribuindo significados a esse texto. Nós sempre solicitávamos aos alunos para que se embasassem em passagens do texto; relacionávamos um poema ao outro, para que eles tivessem a recepção dos textos através suas próprias reflexões. De acordo com o que compreendemos a partir da leitura de Nóbrega (2012), estávamos propiciando ao aluno uma experiência de *poiesis*, haja vista que, através da análise comparativa e interpretativa dos poemas, os alunos se envolveram nas discussões.

No último poema, de número 99⁴, mais uma vez fizemos duas leituras deste: a primeira por um aluno, S, e a outra por mim. Inicialmente, durante a interpretação, eles mesmos falaram que existia uma relação entre esse texto e o outro, de número 48. Ressaltaram o tom melancólico que havia nos dois poemas, como também perceberam que a palavra *beijo* se repetia várias vezes ao longo dos três poemas.

Um ponto que nos chamou muito à atenção foi o fato de eles terem interpretado a palavra *excruciar-me* como tendo uma conotação de ‘várias formas de amar’, conotação essa que nós não tínhamos percebido. Analisamos tal poema pensando que essa palavra tinha um significado pornográfico. Afinal, em muitos poemas de Catulo há palavras com essa conotação. Isso comprova o que Nóbrega (2012) nos diz sobre a experiência de *poiesis*, pois, de acordo com ela, cada leitor terá um olhar individual sobre o que lê em relação à realidade representada no texto.

Dessa forma, concluindo a análise dos três poemas com os discentes, pudemos perceber que a recepção desses textos foi a melhor possível, pois conseguimos fazer uma interação entre os textos, os leitores e o produtor (abordando brevemente o estilo de escrita de Catulo). Cumprimos também com um dos princípios da Estética da Recepção, que é colocar o leitor como sendo a peça fundamental na construção de sentido de um texto.

Com base na teoria de Jauss (1979) sobre a *poiesis*, ou seja, quando o leitor terá prazer no momento em que se sente co-autor da criação literária, pudemos perceber a

⁴ Cf anexos.

vontade dos alunos em ler textos líricos, principalmente quando esses textos tratam de amor; assim como pudemos notar a vontade deles de discutirem sobre o tema acerca da homoafetividade. Afirmamos isso por causa do envolvimento da turma em relação aos três poemas, quase todos participaram e dialogaram sobre o texto. No fim das discussões, perguntamos se gostaram dos poemas e, a maioria, respondeu que sim, pois, segundo os próprios alunos, o assunto era bom e os poemas eram fáceis.

Ao perceber essa inquietação por parte deles, abrimos, no final da aula, um espaço para discutirmos a temática. Nesse momento, trabalhamos a ideia dos documentos educacionais, como as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006) e LDB (1996), que sugerem que devemos trabalhar, na sala de aula, temas sociais, a fim de propiciar o amadurecimento intelectual dos nossos alunos. Ainda, com a certeza de que a literatura deve ser levada à sala de aula, partindo do pressuposto de que ela “é uma educação humanizadora” (CANDIDO, 2002, p. 85), refletimos sobre a temática homoafetiva, associando os poemas de Catulo à realidade atual da sociedade. Para isso, Resgatamos exemplos de novelas, que abordam a relação entre pessoas do mesmo sexo; falamos de leis que permitem o casamento homoafetivo, nos posicionamos em relação à prática homoafetiva, sendo uns contra e outros a favor.

Os próprios alunos trouxeram exemplos dessa relação dentro da sociedade atual, falando sobre as novelas, sobre leis que protegem as lésbicas, os gays, os bissexuais e os travestis, sobre a lei brasileira que atualmente permite casamentos de união estável entre pessoas do mesmo sexo. Por fim, a minoria dos alunos posicionou-se contra essa ideia do casamento, levantando seus argumentos. Para isso, os argumentos contra o casamento eram em torno da religião, uma vez que, segundo eles, era proibido, uma vez que a bíblia condena essa prática. A maioria dos alunos da turma, no entanto, afirmou que os homoafetivos devem ocupar seu espaço, pois, segundo essa maioria, eles se amam, assim como a voz do poema para com Juvêncio. Então, aproveitamos a situação para explicar o porquê do termo homoafetivo, pois as pessoas do mesmo sexo se unem numa relação não somente pelo ato sexual, mas também pelo afeto, pela afeição que um tem para com o outro.

Para a realização dessa discussão, na última aula, utilizamos como pretexto os próprios poemas de Catulo e a situação atual da relação homoafetiva no mundo e no Brasil. Acreditamos, pois, que neste momento, conseguimos construir o sentido dos textos juntamente com eles, sempre levando em consideração o conhecimento de mundo deles. Segundo Nóbrega (2012), essa tentativa de relacionar o texto literário com a

percepção de mundo imediata do aluno é colocar em pauta o que Jauss (1979) chama de *aisthesis*.

Dando continuidade a nossa intervenção, no próximo capítulo, iremos analisar as respostas dos alunos na atividade aplicada na nossa última aula. Essa atividade retoma toda a discussão que vimos anteriormente, desde o conceito de literatura trabalhado, na sala, até a leitura dos três poemas de Catulo.

1.1 O trabalho com o texto literário a partir de questões reflexivas

Na última aula da nossa intervenção, aplicamos a atividade referente ao que discutimos anteriormente. Essa atividade era composta por cinco questões abertas e nosso objetivo era observar se realmente eles compreenderam do que tratavam os poemas, e se, na escrita, eles têm o mesmo posicionamento que tiveram na discussão sobre homoafetividade. Nosso intuito não é refletir sobre o processo de escrita, em fazer correções a partir da norma padrão, mas tentar observar como os alunos refletem sobre essa temática quando tem mais tempo para elaborar seu pensamento.

A primeira questão pedia para que eles identificassem qual era a temática principal dos poemas de números 48 e 99 de Catulo, utilizando-se de elementos dos próprios poemas em sua resposta. Todos (100%) identificaram que a temática era sobre a relação homoafetiva. O aluno W deu a seguinte resposta: “O amor do eu-lírico masculino para Juvêncio. “Beijaria mil vezes, com mil, sem ficar satisfeito””. A aluna O respondeu: “Do relacionamento homossexual. Porque fala de um amor de um homem que é retratado pelas palavras *satisfeito* que está no masculino, por esse Juvêncio”.

Na segunda questão, pedimos para que eles relessem o poema de número 81 e, nele, percebessem se havia ou não algum tipo de conflito. Se o aluno(a) identificasse isso, deveria ficar atento(a) às escolhas das palavras que o autor selecionou para retratar essa cena. Mais uma vez, todos (100%) conseguiram identificar que havia certos ciúmes por parte da voz do poema para com Juvêncio. S respondeu: “Sim, ele está desesperado por Juvêncio ter escolhido outra pessoa e não ele”. O disse o seguinte: “Sim, o motivo desse conflito é o ciúme, por causa de um hóspede de Juvêncio a quem ele começou a amar.”

Dando continuidade aos estudos dos poemas, a terceira questão tinha quatro perguntas, de *a* a *d*. Nessa questão, tentamos fazer com que os alunos tivessem uma visão dos três poemas ao mesmo tempo. Para isso, na letra *a*, perguntamos quais foram

as principais palavras que o autor escolheu para abordar o envolvimento amoroso entre Juvêncio e o seu amado. A maioria, ao invés de colocar as palavras, citou versos completos, que, ao meu entender, eram versos que se repetiam nos três textos, como, por exemplo, o verso “Beijar os teus olhos – Juvêncio – de mel, beijaria mil vezes”.

Já a letra *b*, perguntava se a relação retratada nos poemas seria pautada no afeto, no amor, na atração ou somente no sexo e as respostas variaram. Uns acharam que era no afeto e no amor, outros acharam que era na atração e no afeto. Porém, nenhum respondeu que a relação era pautada no sexo. As respostas deles eram sempre comprovadas pelos versos, uma vez que a questão pedia isso.

Na letra *c*, questionamos sobre a conclusão a que poderíamos chegar acerca dos ciúmes do amado para com Juvêncio no poema 81. Segundo C: “O companheiro de Juvêncio ficou com ciúmes ao saber naquele momento que estava lhe trocando por outro”. Conforme a resposta de W: “Que Juvêncio estava encontrando um novo amor”.

Por fim, a letra *d* solicitava a análise comparativa. Nela, pretendíamos saber dos alunos em que se assemelham os poemas de números 48 e 81, e a maioria (70%) falou que era o amor entre Juvêncio e o seu amado, como pode-se comprovar na seguinte resposta do aluno W: “O enorme amor e carinho que a pessoa tem por Juvêncio e o medo de perdê-lo.”

A quarta questão pedia para que os alunos explicassem de que forma a literatura ajudava a entender o comportamento social, bem como as transformações da sociedade ao longo do tempo. De acordo com a resposta de S: “Através da literatura podemos nos sentir no lugar do outro e saber o que esta pessoa está passando e com isso se adaptar com a mudança da sociedade”. Notamos nessa resposta que o aluno compreendeu bem o conceito de literatura que tanto discutimos e refletimos nas aulas anteriores. Achamos essa resposta pertinente ao que procuramos propor nas nossas aulas, pois pretendíamos que os alunos entendessem que a literatura tem o poder de fazer o leitor refletir sobre as mudanças sociais.

A aluna L respondeu: “Através dos textos, a literatura nos ajuda a refletir sobre a vida e nos ajuda a aceitar com mais facilidade as mudanças da sociedade”. Notamos que, através de respostas objetivas e às vezes confusas, os alunos tiveram um pouco de dificuldade de responder essa questão, pois ela exigia uma maior elaboração das respostas e uma reflexão mais aprofundada nos textos que levamos como apoio. Entretanto, o importante é que observamos que a maioria (80%) teve a consciência de que a literatura nos faz refletir sobre os acontecimentos sociais.

A quinta e última questão também foi subdividida em letras, de *a* até *d*. Para essa questão, foram apresentados dois trechos, um de Zilberman (2004) e um de Vieira (1978), discutidos nas aulas anteriores, para que os alunos dissertassem sobre o que era solicitado.

A letra *a* perguntava, de acordo com o trecho de Zilberman (op. cit.), de que forma a literatura ajuda o leitor a entender a sociedade e suas modificações. Segundo a resposta de O: “Se identificando com o que o autor traz quando se refere à realidade das coisas, que faz com que o indivíduo reflita sobre.” A resposta do aluno M foi: “Repercutindo seu comportamento social”. Os demais alunos também conseguiram responder bem no estilo dessas duas respostas. De modo geral, acreditamos que os alunos (100%), mesmo com respostas ainda vagas, conseguiram responder a questão, quando entenderam que a literatura faz o homem refletir sobre o seu comportamento social.

Na letra *b*, perguntamos se eles acreditavam que a literatura nos ajudava a sermos menos preconceituosos. A justificativa era para ser dada com base nos dois trechos dos autores. A maioria (95%) respondeu que sim, porém duas respostas nos chamaram à atenção. G respondeu o seguinte: “Nem tanto. Porque lê qualquer pessoa lê, não necessariamente vai mudar sua opinião ou seu ponto de vista”. O aluno A disse: “Depende de como a pessoa interpretará a expressão que o autor traz”. A partir dessas duas respostas, é notório que o aluno tem consciência de que cada leitor, de acordo com sua experiência de vida, terá uma recepção diferente daquilo que lê, e não necessariamente esse leitor possa se livrar por completo de preconceitos, pois os horizontes de expectativa de cada leitor variam de acordo com cada objetivo colocado no ato da leitura.

Na letra *c*, houve um questionamento sobre o papel da literatura no combate à alienação e ao preconceito. A resposta de H diz: “A literatura por abordar muitos temas tabus faz com que as pessoas reflitam sobre.” Já o aluno S afirmou: “Mostrar que as pessoas também tem coração, para que o leitor possa se por no lugar da vítima do preconceito e se sentir pelo o que aquela pessoa está sofrendo, pela repreensão da sociedade.” Diante dessa última resposta, verificamos que o aluno compreendeu que o texto é um agenciador de sentido, e que somente na interação entre texto e leitor é que fluirá significado no ato de ler, bem como reações existirão à medida que o leitor vai se identificando com o texto literário.

Por fim, a letra *d* era bem pessoal, pois ela perguntava aos discentes se o tema homoafetividade deveria ser trabalhado mais na escola. Quase Todos (99%) responderam ‘sim’, e foram várias as justificativas: porque a sociedade ainda é preconceituosa, porque ainda existe violência dentro da escola por causa de homofobia, dentre outros. Com exceção de O, que disse que não deveria, pois a mídia já se encarrega e fazer isso. Percebe-se que esse aluno não vê a escola como formadora de opinião, mas a mídia.

Portanto, trabalhando os conteúdos previstos pelo próprio currículo escolar, conseguimos trabalhar a literatura latina, juntamente com um tema pouco discutido em sala de aula. Conseguimos colocar em prática a leitura do texto literário e a recepção desses textos pelos alunos.

Como eles mesmos observaram, foi uma leitura fácil, de boa compreensão, e também a temática foi interessante, uma vez que não há uma abertura na sala de aula para se discutir sobre homoafetividade. Assim, essa leitura, quando é trabalhada de maneira compartilhada e dialogada, permite que os alunos envolvam-se ativamente no processo de significação do texto, sentindo-se à vontade para expressar a sua opinião.

Em relação ao estudo dessa leitura compartilhada na nossa intervenção, quando estudamos o gênero lírico, trouxemos a literatura latina para que o aluno refletisse criticamente sobre acontecimentos sociais. Como afirma a LDB (1996), os assuntos trabalhados em sala de aula devem ser aqueles que circulam na sociedade, e como diz Pinheiro (2003) o livro didático deve sim ser trabalhado em sala de aula, mas o professor é quem deve ampliar a leitura deste, trazendo outras fontes e outras possibilidades de leitura.

Buscamos, também, colocar em prática, durante a nossa intervenção, o que Nóbrega (2012) chama de metodologia triangular para o ensino da literatura, os três princípios de arte poética apresentados por Jauss (1979), *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. Cada princípio com suas particularidades, porém que se completam durante uma aula planejada, com objetivos bem traçados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tínhamos como objetivos para essa pesquisa: 1) inserir no cotidiano dos alunos a leitura de textos latinos com o tema sobre a homoafetividade em três poemas de Catulo; 2) Estimular os alunos à leitura, possibilitando a formação de leitores crítico-

reflexivos; e 3) Sugerir formas de trabalhar em sala de aula o tema homoafetividade a partir de textos da literatura latina.

Em relação ao primeiro e segundo objetivos, observamos que os alunos gostam de ler poemas, principalmente quando esses abordam o tema 'amor'. Três poemas de Catulo, autor da literatura latina, foram lidos, discutidos, interpretados pelos próprios alunos. Segundo eles, não houve nenhuma dificuldade em ler os textos, nem tão pouco acharam as leituras difíceis. Durante sete aulas, das quais cinco foram reservadas somente para leitura e interpretação dos poemas latinos, conseguimos alcançar um dos objetivos, estimulando os alunos à prática de leitura e inserindo no cotidiano escolar deles o contato com o texto literário.

Por meio desse contato, percebemos que eles conseguiram refletir sobre a temática, através da discussão realizada em forma de mesa-redonda, e também através da comparação feita entre a relação homoafetiva na Roma Antiga com essa relação atual no Brasil. Nessa discussão, observamos que eles se posicionaram perante essa temática, uns se posicionando favoráveis a ela, e outros, a minoria, criticando essa relação.

Em sua argumentação, se utilizaram de exemplos retirados de novelas brasileiras (notamos aqui que a mídia tem forte influência nos jovens e as novelas retratam aquilo que acontece na sociedade), citaram leis que foram implantadas e, até mesmo, o envolvimento amoroso entre Juvêncio e seu amado, nos poemas de Catulo. Durante toda discussão, uns foram levantando hipóteses sobre o que se tratava os poemas, outros ficaram inquietos para saber se havia ou não uma relação homoafetiva nesses textos e, por fim, a maioria, criticamente, colocou em pauta seu posicionamento perante a temática tabu.

Em relação ao terceiro objetivo, a nossa sugestão é utilizar o próprio texto literário, no caso do poema, para que o aluno possa ter uma visão do todo. Isso fará com que ele tenha a liberdade de atribuir e extrair os significados do texto, tendo uma intimidade maior com ele. Além disso, apostamos muito na análise comparativa entre os textos, haja vista que trabalhar a homoafetividade na literatura latina é buscar, na mesma obra, dois significados sobre esse tema: ou envolvimento sexual por amor ou por poder. Acreditamos também que, fazer a ponte do texto latino com os fatos reais da sociedade contemporânea, é valoroso e proveitoso, pois, além de permitir que os discentes tenham um leque de conhecimento cultural entre épocas e costumes diferentes, eles poderão compreender que a sociedade, de alguma forma, poderá ser um reflexo de outra que já existiu.

Se a nova geração de adolescentes está diariamente em contato com o novo e atualizações em seu processo de aprendizagem, é notório entender que devemos ensinar além do necessário ou do obrigatório. Ensinar a literatura latina é abrir caminhos e novos horizontes de aprendizagem e (re)socialização de algo que é inato na nossa cultura, sem falar que é uma oportunidade de ensino muito eficaz.

Quanto a nossa experiência, podemos afirmar que foi gratificante termos tido a oportunidade de levar o texto latino para sala de aula e discutir um tema que é tão pouco trabalhado, como afirmam os próprios alunos que fizeram parte da intervenção. Como pesquisadores e professores, essa experiência dos deu a oportunidade de quebrar, talvez, certas barreiras educacionais no que diz respeito ao trabalho de temas considerados tabus na sala de aula, pois ainda há uma resistência em discutir sobre certas práticas sociais que são visivelmente percebidas por todos.

Nessa pesquisa, portanto, conseguimos, com grande esforço e empenho, quebrar duas barreiras: (1) o estudo do texto latino na sala de aula e (2) trabalhar, na sala de aula, textos homoafetivos, discutindo e refletindo sobre eles.

REFERÊNCIAS

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Vol. 1. Linguagens, códigos e tecnologias. Julho de 2006.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília : 1996.

CANDIDO, Antônio. **Textos e intervenção**. – 34ª Ed. - São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CATULO. **Odeio e amo**. Introd., seleção e trad. de José Ribeiro Ferreira. Coimbra, Minerva, 2005.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens: volume 1** / William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. – 7ª. ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010. pp. 23-34.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio**. 3 v. Linguagem, Códigos e Suas Tecnologias. João Pessoa, 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Literatura e formação de leitores**. – Campina Grande: Bagagem, 2008.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto**: Perspectiva para o ensino de literatura. São Paulo: E. P. U., 1978.

VÍRGILIO. **Bucólicas** (edição bilingue). Tradução de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte : Crisálida, 2005.

ZAPPONE, Miriam Hisae yaegashi. **A Estética da Recepção**. Maringá: EDUEM, 2005.

ANEXOS

I.

Beijar os teus olhos – Juvêncio –
de mel, beijaria mil vezes,
cem mil, sem ficar satisfeito,
nem mesmo se a messe de beijos
mais espessa fosse, mais densa
que um feixe de espigas bem cheias.
(CATULO, 48)

II.

Brincavas, meu Juvêncio de mel, e um beijinho
doce roubei, mais doce que ambrosia,
mais não impune pois por uma hora ou mais
senti-me atado a ponta de uma cruz,
me desculpando, mas meus prantos não dobraram
nem um tantinho da maldade tua.
Feito o que fiz, teus lábios, úmidos de muitas
gotas, secastes com teus dedos todos
por não dar minha boca algum contágio, qual
saliva suja em putas em que mijam,
e mais: não me cessavas de me entregar a Amor
cruel e de excruciar-me de mil jeitos,
até aquele beijo de Ambrosia, em mim,
tornar-se amargo mais que amargo helébero.
Porque esta é a pena que atribuis a um triste amor,
eu beijos!, nunca mais hei de roubar.
(CATULO, 99)

III.

Não havia ninguém, no meio de tanta gente, ó Juvêncio,
um homem formoso, a quem começasse a amar,
para além deste teu hóspede chegado das terras moribundas de Pisauro,
mais pálido que uma estátua desdoirada,
que tens agora no coração e ousas preferir
a mim próprio? Ai de ti! Não sabes que crime estás a cometer.
(CATULO, 81)